



UCRÂNIA

Rússia move tropas, e EUA enviam armas

Forças russas iniciam exercícios militares perto da fronteira, com o envolvimento de caças, bombardeiros, paraquedistas de elite e mísseis balísticos. Biden nega deslocar soldados a Kiev, enquanto arsenal americano chega à ex-república soviética

» RODRIGO CRAVEIRO

Anatolii Stepanov/AFP



Soldado ucraniano caminha perto do front dos separatistas apoiados pela Rússia, no vilarejo de Peski, em Donetsk (leste): guerra civil em andamento

Apesar dos sucessivos alertas do Ocidente, a Rússia iniciou “exercícios militares e ‘verificações de preparação’ nos flancos sul, leste e oeste de seu território; no Mar Báltico; na Transnístria (Moldávia), fronteira ocidental com a Ucrânia; e na Crimeia, península anexada por Moscou em 2014. Milhares de soldados, paraquedistas de elite e mísseis balísticos de curto alcance foram usados nas manobras. Uma força naval composta por embarcações russas e chinesas fez simulações conjuntas no Mar da Arábia.

No sul da Rússia, 60 caças e bombardeiros participaram das ações. Entre 10 e 20 de fevereiro, tropas da Rússia e da Bielorrússia realizarão manobras conjuntas em terreno bielorrusso. Ontem, o Departamento de Estado dos EUA advertiu à Bielorrússia sobre uma “resposta firme”, caso ajude as forças de Vladimir Putin a invadirem a Ucrânia.

Depois de a Casa Branca afirmar repetidas vezes que “todas as opções estão em aberto”, o presidente Joe Biden assegurou que “não há intenção” de enviar tropas norte-americanas à Ucrânia. No entanto, tornou a advertir Putin sobre “graves sanções” em retaliação a um eventual ataque à ex-república soviética. “Não há intenção de colocar forças dos EUA ou da Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) na Ucrânia”, afirmou o democrata.

Ao ser questionado se consideraria sanções financeiras pessoais contra Putin, Biden respondeu: “Sim, eu veria isso”. Na segunda-feira, o Pentágono havia colocado 8,5 mil militares de prontidão, enquanto a aliança militar ocidental reforçou a capacidade militar no Leste da Europa.

Um novo carregamento de armamentos enviado pelos Estados Unidos — mísseis antitanque e lança-foguetes — chegou ontem ao Aeroporto de Boryspil, na periferia de Kiev, capital da Ucrânia. Ao mesmo tempo, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, garantiu que a situação está “sob controle” e que não há motivos para pânico.

“Proteja seu corpo do vírus, seu cérebro das mentiras e seu coração do pânico”, aconselhou.

“Alto custo”

O presidente da França, Emmanuel Macron, avisou Putin que a Rússia pagará “um alto custo” se invadir a Ucrânia. “Haverá uma resposta”, declarou, em Berlim, ao visitar o chanceler alemão, Olaf Scholz. Macron e o anfitrião procuraram, no entanto, alinhar as posições em defesa de uma desescalada de tensão.

Especialista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv, em Kiev, Petro Burkovsky minimizou o deslocamento de tropas da Rússia. “Nós observamos essas manobras várias vezes a cada ano. Nosso Exército rastreia cada movimento e o reporta à liderança ucraniana. Pode ser algo interessante, mas não acho que seja o começo de um ataque”, afirmou ao **Correio**.

Ele também não interpreta o reposicionamento de forças da Otan como uma ação dissuasiva. “É uma modesta contribuição à segurança dos países bálticos

e ao Mar Negro. Isso não muda o balanço militar na região, mas mostra solidariedade de membros da Otan em relação às ameaças russas. Não forçará Putin a retroceder e mudar os planos em relação à Ucrânia, mas aumenta a incerteza sobre ele.”

Para Burkovsky, a Otan não permitirá que a Rússia intimide os países-membros da aliança em seu entorno. “É possível que os russos movam suas tropas para as fronteiras da Otan, o que sobrecarregará seus recursos e limitará suas ações contra a Ucrânia”, observou.

Olexyi Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla (Ucrânia), crê que as movimentações de tropas do Kremlin enviam uma mensagem contraditória. “Apesar de afirmar que não atacará a Ucrânia, a Rússia mobiliza 100 mil soldados na fronteira russo-ucraniana, além de 6 mil militares posicionados na Crimeia e 2 mil separatistas em Donbass, a região ocupada por Moscou”, disse à reportagem. “O Kremlin lança mão de chantagens. Putin tem aumentado suas apostas, a fim de receber concessões do Ocidente e da Ucrânia.”

» Sanções pesadas

Os Estados Unidos alertaram a Rússia para uma possível imposição de sanções “pesadas”, em caso de um ataque à Ucrânia, incluindo restrições a exportações. Washington também advertiu Moscou que tentar transformar sua indústria de petróleo e gás em arma seria contraproducente. “Estamos preparados para impor sanções com consequências massivas que vão muito além das aplicadas em 2014, quando Moscou anexou a Crimeia”, disse à agência France-Presso um alto funcionário da Casa Branca, sob condição de anonimato. “Esta não é mais uma resposta gradual. Desta vez vamos começar no topo da escala (de sanções) e ficar lá”, ameaçou. Os Estados Unidos planejam, de acordo com esta fonte, proibir a exportação de tecnologia americana e “potencialmente de alguns produtos fabricados no exterior que se enquadram nas regulamentações dos EUA” para a Rússia. Setores como inteligência artificial, computação quântica, defesa, aeroespacial e outros seriam os mais afetados.

Manobras bélicas

■ Locais onde ocorrerão exercícios militares conjuntos (Rússia e Bielorrússia) entre 10 e 20 de fevereiro

○ Locais de concentração de tropas da Rússia



Fontes: Ministério da Defesa da Bielorrússia, The Washington Post e Consultoria Rochan

Proteja seu corpo do vírus, seu cérebro das mentiras e seu coração do pânico

Volodymyr Zelensky,
presidente da Ucrânia

REINO UNIDO

Festas do premiê viram caso de polícia

Jessica Taylor/Parlamento do Reino Unido/AFP



Boris Johnson discursa no Parlamento britânico: na corda bamba

Em mais um passo que aumenta a pressão sobre o primeiro-ministro britânico Boris Johnson, que vê o cargo por um fio, a Polícia Metropolitana de Londres anunciou uma investigação sobre as várias festas realizadas em Downing Street e outras dependências do governo nos últimos dois anos, que configuraram violações das regras de confinamento. O chefe de governo prometeu cooperar plenamente com a investigação.

Após a humilhação de ter que pedir desculpas à rainha Elizabeth II por celebrar duas festas com música e bebida na véspera do enterro do marido da soberana, Philip, e em pleno confinamento em abril de 2021, Downing Street deve passar agora por uma investigação da Scotland Yard.

Johnson “e todos os que forem procurados cooperarão plenamente em tudo que for solicitado”, prometeu um porta-voz do governo depois que a chefe de polícia, Cressida Dick, anunciou a abertura de investigações sobre “possíveis infrações das normas sobre a covid-19” nas dependências do Executivo. “Acho que isso dará à opinião pública a clareza necessária e ajudará a traçar uma linha sobre a questão”, disse o próprio primeiro-ministro, mais tarde, durante uma aparição parlamentar.

Da oposição trabalhista, o prefeito de Londres, Sadiq Khan, ressaltou que “os cidadãos esperam, com razão, que a polícia defenda a lei, sem medo ou favorecimentos, independentemente de quem afeta”. A Scotland Yard foi muito criticada por não

investigar retroativamente supostas infrações das regras antiepidemiológicas. Também foi acusada de fechar os olhos para as evidências de várias festas celebradas em Downing Street, onde ficam o escritório e a residência oficial de Johnson.

Sobrevivência

Cercado de escândalos, o polêmico primeiro-ministro, de 57 anos, luta há semanas por sua sobrevivência política diante da ameaça de uma moção de censura interna em seu Partido Conservador. Tentando acalmar os muitos parlamentares conservadores que se juntaram à oposição para exigir sua renúncia, Johnson pediu desculpas ao Parlamento há duas

semanas por ter participado em 20 de maio de 2020, durante o primeiro confinamento, em uma festa nos jardins de Downing Street. Mas alegou acreditar que era um “evento de trabalho”, o que só causou sarcasmo e mais indignação.

Também encomendou uma investigação interna a uma funcionária de alto escalão do governo, Sue Gray, cujas conclusões podem ser decisivas. Depois que a investigação da Scotland Yard foi anunciada, um porta-voz de Downing Street disse que Gray pararia de investigar certos assuntos para não interferir com a polícia. No entanto, em um giro total, naquela mesma tarde, alguns meios de comunicação afirmaram que seu relatório poderia ser publicado na manhã de hoje.